

Medicamentos provenientes do reino mineral, vegetal e animal

Medicaments from the mineral, plant and animal kingdom

Joop van Dam¹

¹Médico antroposófico

Endereço para correspondência:
Julianalaan 21 C - NL-3708BA,
Zeist - Holanda
Tradução de Nilo E. Gardin com
autorização do autor.

Palavras-chave: Medicamentos antroposóficos; medicamentos minerais; medicamentos vegetais; medicamentos animais; tetramembração; trimembração.

Key words: *Anthroposophic medicines; mineral medicaments; plant medicaments; animal medicaments; fourfoldness; threefoldness.*

RESUMO

O autor inicia seu estudo abordando a ação das substâncias (alimentos ou medicamentos) no ser humano de acordo com sua origem – mineral, vegetal ou animal. A tetramembração do ser humano (organização física, vital, anímica e do eu) e sua trimembração (sistema neurosensorial, rítmico e metabólico-motor) são usadas como base para tal entendimento. A substância animal, ao entrar no organismo humano, envolve a organização vital, assim como a substância vegetal em relação à anímica, e a substância mineral à organização do eu. O organismo humano se assemelha à substância mineral no sistema neurosensorial, à substância vegetal no sistema rítmico, e à animal no sistema metabólico. De acordo com Rudolf Steiner, ao se consumir uma substância mineral, a organização do eu é solicitada para digeri-la; com substâncias vegetais, a organização anímica está envolvida; e com substâncias de origem animal, a organização vital está ativa.

São diferenciados os usos de medicamentos de origem animal provindos de animais superiores e inferiores. Os preparados orgânicos de mamíferos podem servir como guias ou direcionadores para outros medicamentos.

Casos clínicos de osteomielite de quadril, braquialgia noturna, hidroureter e espondilite purulenta fistulizada são citados. As características de algumas famílias de plantas medicinais são estudadas. Finalmente, o autor ressalta a necessidade de o médico ter uma boa afinidade com os medicamentos, ter liberdade para ser criativo e combiná-los bem.

ABSTRACT

The author approaches the action of substances (food or medicaments) in the human being according to their origins – mineral, plant or animal. The base for understanding this issue is the human fourfoldness (physical body, vital organization, soul and I-organization) and the threefoldness (neurosensory, rhythmic and metabolic-limb systems). Animal substance, into the human body, engages the vital organization, as well as plant substance engages the soul, and mineral substance engages the I-organization. The human organism resembles mineral substance in the neurosensory system, plant substance in the rhythmic system, and animal in the metabolic system. Rudolf Steiner states that in consuming a mineral substance, the I-organization is called upon to digest it; with plant substances, the soul is engaged; and with animal substances, the vital organization is active. That member of the human organism which resembles the substance to be digested will digest it.

The difference between the therapeutic use of mammals and lower animals is explained.

Clinic cases of osteomyelitis of the hip, brachialgia nocturna, hydroureter and purulent spondylitis with fistula are cited.

Some medicinal plant families are mentioned. Finally, the author emphasizes the need of physicians to have a good relationship with medicaments. They must have the freedom to be creative with the instruments in their hands and combine them well.

INTRODUÇÃO

A fim de entender melhor como remédios provenientes dos três reinos da natureza (mineral, vegetal e animal) afetam o organismo humano, primeiramente serão discutidos os processos gerais de digestão. Os alimentos de origem animal são relativamente fáceis de digerir, porque os animais estão mais próximos do ser humano do ponto de vista do desenvolvimento. Apenas a partir da época atlante que os mamíferos se separaram do ser humano no curso da evolução. Ao consumir alimentos de origem animal (carne de porco, de vaca etc.) a nossa fisiologia não é muito desafiada; conseqüentemente, nosso metabolismo pode se tornar 'preguiçoso'. Os movimentos internos do organismo humano desaceleram: o movimento intestinal torna-se lento, rins e vesícula biliar formam pedras, vasos sanguíneos perdem sua flexibilidade e desenvolvem esclerose etc.

Os animais inferiores estão mais distantes de nós. A trimembração do organismo humano não está presente nesses animais. Sua substância física é muito diferente daquela dos seres humanos, especialmente nos animais que não possuem um esqueleto interno. Por exemplo, nos mariscos existe uma clara diferenciação entre a formação da concha exterior e da proteína interna. Ao comermos esta proteína, o trato digestivo pode 'reclamar' pelo fato do marisco estar mais distante e ser difícil de digerir. Alimentos vegetais são ainda mais desafiadores para a fisiologia humana. Animais que são exclusivamente herbívoros necessitam de um trato intestinal mais longo e um sistema metabólico mais sofisticado, em comparação ao trato digestivo relativamente curto de animais exclusivamente carnívoros. Por último, a digestão de minerais é de maior complexidade.

Até a idade de dois anos e meio, o desenvolvimento da cabeça é tal que a organização do eu, a organização anímica (ou corpo astral) e a organização vital (ou corpo etérico) trabalham à parte do corpo físico. Após o terceiro ano, a organização do eu, a organização anímica e em grande parte a organização vital estão ativas apenas na consciência e não na organização física da cabeça. No sistema rítmico a organização do eu e a anímica estão separadas da organização vital e do corpo físico metade do tempo. Eles se conectam na inspiração e se separam na expiração de uma forma regular rítmica. Finalmente, no sistema metabólico-motor, todas as quatro organizações do ser humano estão unidas.

O organismo humano se assemelha à substância mineral no sistema neurossensorial, à substância vegetal

no sistema rítmico, e à animal no sistema metabólico. Rudolf Steiner afirma que ao consumir uma substância mineral, a organização do eu é solicitada para digeri-la; com substâncias vegetais, a organização anímica está envolvida; e com substâncias de origem animal, a organização vital está ativa. O referido membro do organismo humano que se assemelha à substância a ser digerida, irá digeri-la. Semelhante digere semelhante.

O sistema metabólico digere substância animal. O animal já 'astralizou' sua substância; nós só temos que humanizá-la, e podemos fazer isso ao trazê-la de volta à vida novamente, depois que ela foi totalmente 'conquistada', despojada de sua astralidade animal. Isto é feito pela organização vital humana. Substância animal irá atuar no sistema digestivo, que é a parte do ser humano onde mais nos assemelhamos aos animais. Se uma pessoa come muita carne de porco, alguma inquietação se desenvolve nela, exatamente como no porco; ela se torna "um pouco como o porco". Na carne branca das aves a encarnação não é tão intensa como na carne vermelha de vaca.

As leguminosas são um pouco mais semelhantes ao animal em qualidade, e exigem mais do sistema digestivo que a maioria dos outros alimentos vegetais. Em certas escolas de mistérios não se recomenda comer leguminosas, porque produzem sonolência, embotamento.

Com as substâncias vegetais, as forças vitais predominam. Essas substâncias, por sua vez, têm de ser astralizadas.* Isto é realizado pela parte do organismo humano onde o anímico entra a partir do exterior. Assim, as substâncias vegetais atuam no sistema rítmico.

Substâncias minerais são as mais difíceis de digerir; são as mais distantes do ser humano. Essas substâncias têm que ser trazidas de volta ao calor, para o reino vital. Calor está intimamente relacionado com a organização do eu. Assim como a organização anímica está envolvida com substância vegetal na região média do organismo humano, também a organização do eu é solicitada para digerir a substância mineral no sistema neurossensorial. Substâncias minerais podem aumentar o estado de vigília, pois são digeridas pela parte do organismo humano onde o calor é libertado e trabalha externamente.

Como alimento ou medicamento, a substância animal pode ser desfavorável para a vida anímica interior. Isto porque é afetada só a parte da organização vital que está envolvida no sistema metabólico-motor humano (que tem a ver com a terra onde o animal vivia) e não aquela parte da organização vital que está envolvida no

*Parte de cada um dos três membros não visíveis do ser humano (organização vital, anímica e do eu) está trabalhando na consciência e nas funções do corpo físico. Isso significa que alma e 'eu' estão sempre atuando também no corpo. 'Astralizar' na maioria das vezes não significa uma qualidade consciente, mas sim uma qualidade corporal.

sistema rítmico ou no neurossensorial. Substâncias minerais também não ajudam a vida interior, mas deixam a pessoa em uma condição um pouco melhor no geral.

Ao usar substâncias vegetais, uma pessoa trabalha com essa parte nela mesma que é semelhante à planta – ‘conversando’ com o ambiente ao redor. A planta ‘conversa’ com a água, com o ar e o calor; ela ‘ouve’ os movimentos do Sol; ela se harmoniza com a Lua e os outros planetas. Da mesma forma, o nosso ser é afetado pela alternância de expiração e inspiração, sístole e diástole, e os sentimentos que se movem entre antipatia e simpatia. Substâncias vegetais nos levam para uma relação com os planetas. Substâncias minerais são substâncias que têm suas forças formativas fora, no reino do zodíaco. Esse reino atinge nossos sentidos e constrói a nossa cabeça. É por isso que Steiner diz que a substância animal engaja* a organização vital, a substância vegetal engaja a organização anímica, e a substância mineral engaja a organização do eu.

MEDICAMENTOS DE ORIGEM ANIMAL

Embora substâncias animais engajem a organização vital, existe uma diferença entre o uso terapêutico de mamíferos – animais que estão mais perto de nós do ponto de vista do desenvolvimento –, e os animais inferiores. Com os mamíferos um órgão é usado, por exemplo, pâncreas, cerebelo ou hipófise, para tonificar as forças do órgão correspondente humano. Assim como o pâncreas humano, o pâncreas de um animal tem uma organização anímica, uma organização vital e um corpo físico. Porém ele tem uma organização vital muito mais forte que a do pâncreas humano, porque a organização vital do animal não é requerida para uma atividade maior de consciência. O ser humano usa parte de sua organização vital para a consciência. Esse não é o caso de uma vaca, por exemplo; por isso é possível utilizar um pâncreas bovino para tonificar as forças que residem no pâncreas humano. Steiner discutiu o uso de numerosos remédios feitos de órgãos bovinos, incluindo pâncreas, cerebelo, hipófise e íris, para intensificar as forças de um órgão específico.

Outra forma de usar um órgão de mamífero é para dirigir outra substância a esse órgão particular. Ao usar uma preparação para ajudar a guiar um remédio para o local certo, pode-se dar o remédio e o órgão juntos; eles devem entrar pela mesma via de administração.

Caso se use não como um guia, mas como ele mesmo, então se pode ter diferentes potências, especialmente com os animais inferiores. Com os medicamentos feitos de mamíferos, na maior parte das vezes

usam-se potências baixas, porque o intuito é ser ‘nutritivo’. Não se está dando forma, mas sim fortalecendo a vitalidade, e isto é feito sempre por meio de uma baixa potência. Por exemplo, ao usar *Hepar bovis D4* / *Taraxacum D2 Stanno culta*, dirige-se o *Stannum* para o fígado do ser humano, onde ele irá atuar. Cito o caso de um menino de cinco anos de idade que desenvolveu osteomielite do quadril esquerdo. O diagnóstico foi tardio, e havia muito pus. O prognóstico do cirurgião ortopédico era que o paciente perderia a funcionalidade de seu quadril. Ele foi operado, o pus foi drenado e antibióticos foram administrados. Começamos a tratá-lo com *Stannum* e então usado *Articulatio coxae* junto com *Calcarea carbonica* e *Formica*. O paciente também fez euritmia curativa, que foi o ‘medicamento’ mais forte que ele recebeu, e ele ficou totalmente curado.

Assim, pode-se trazer o medicamento a um local específico. Por exemplo, para doenças neurológicas, em um doente com esclerose lateral amiotrófica eu tenho alternado *Argentum*, *Ferrum* e *Stannum* em alta potência em conjunto com *Medula oblongata* para direcioná-los. Na miastenia gravis, especialmente com ptose das pálpebras, pode-se dar *Levico* ou outro medicamento que se pretende utilizar em conjunto com os músculos específicos, em na sexta potência (D6). Há também toda a gama de preparações de *Disci*, bem como outros.

Em contraste com os mamíferos, muitos animais inferiores produzem venenos ou substâncias tóxicas. Nos animais superiores, o corpo é construído de forma que a alma pode viver nele, mas nos animais inferiores há necessidade de uma substância especial, o veneno, para que a alma possa viver dentro. Venenos são, por assim dizer, as ‘concentrações de alma’.

Em braquialgia noturna, não há sintomas durante o dia; mas à noite, quando o paciente tenta dormir, algo começa a fazer cócegas, o sono é perturbado por dores. O exame de raios-X das vértebras cervicais não revela alteração. Isso ocorre frequentemente em pessoas que têm um fardo pesado sobre seus ombros para carregar. À noite esta atividade da alma permanece, e eles são incapazes de se desvencilhar. Eu aprendi com o Dr. Otto Wolff que se deve mostrar à alma o caminho para sair. Foi dado o veneno de *Crotalus terrificus*, uma cascavel sulamericana, na potência D30 em injeção subcutânea no nível da sétima vértebra cervical. Atendi certa vez uma paciente com esse quadro clínico, que estava passando as férias na Holanda. Eu dei-lhe uma injeção de *Crotalus terrificus* e pedi para que voltasse em três dias, quando repeti a injeção. Depois de mais três dias ela voltou e disse que os sintomas tinham desaparecido.

* N.T.: Do verbo em inglês *to engage*: engajar, manter ocupado, empregar, empenhar.

Costumo dar uma série de três injeções para que a alma ‘saiba’ para onde ir. Depois de dois anos, essa paciente, novamente em férias na Holanda, voltou ao consultório e fez mais uma série de injeções, pois os efeitos da primeira duraram oito meses.

Uma jovem paciente teve hidroureter devido a uma válvula ureterovesical disfuncional. Ela estava em uso crônico de antibióticos. Decidimos dar *Equisetum* D12, pois *Equisetum* dá ao organismo a imagem de todo o sistema urinário. Steiner, em sua obra “O ser humano como sinfonia das forças universais” (GA 230),* descreve o ureter como uma serpente. Demos *Lachesis* D8 / *Equisetum* D12, dez gotas por via oral três vezes ao dia. Ela não precisou mais de antibióticos. O remédio ‘mostrou’ ao ureter o que fazer. Ele foi usado por um ano – a cada três meses de uso, a paciente fazia um mês de pausa.

CORRELAÇÕES ENTRE MEDICAMENTOS

Para se entender os remédios, deve-se comparar uma planta com outra, um animal com o outro, um mineral com outro. Steiner disse uma vez que se pode diagnosticar por imaginação, mas a relação com o medicamento ter-se-á através da inspiração. Imaginação é feita com a organização vital. Inspiração é feita com a alma, com a organização anímica. Esta constantemente está fazendo relacionamentos, sentindo a vida, fazendo a relação com o mundo. Para se entrar em estado inspirativo da mente, deve-se ser capaz de ir de um lado para o outro. Meditar na cabeça, meditar no coração, meditar no membro, e compará-los. Conquistá-los fortalece a inspiração.

Para se ter uma relação com os medicamentos, deve-se examinar relacionamentos. Por exemplo, a relação entre uma abelha e uma formiga. A abelha é calorosa, vive na parte quente da planta; a partir da colméia, as abelhas saem em todas as direções, como o ar, o calor. Uma formiga não é calorosa, é fria, dura e está sempre na parte dura da planta, nas raízes, nas pontas de folhas, onde as coisas estão um pouco mortas. Ao se olhar para o movimento das formigas, vê-se que elas avançam em linhas retas, como cristais. Há ‘ruas de formigas’, que vão a uma árvore. Se há algo em seu caminho, elas passar por cima, pois a rua vai permanecer em linha reta. É um gesto diferente. A abelha leva em si a parte mais quente da planta e a converte em forma. Ela faz coisas maravilhosas na colméia, traz o néctar quente e faz o mel. A formiga pega a parte dura, a folha, leva-a para o calor e espera que ela não se torne mineral, mas permaneça

no reino vegetal. As formigas cuidam para que a floresta permaneça viva. Aquilo que tende a sair do âmbito da vida, a formiga ajuda a trazer para a vida novamente.

Ao se colocar todas essas observações em conjunto, encontram-se seus opostos: de um lado o calor, o movimento, substâncias finas, delicadas; do outro lado o frio, trazendo de volta à vida algo que tende a sair do âmbito da vida. Um é muita vida; outro não é vida o suficiente. Lembrando as indicações de *Apis mellifica* e *Formica*:** *Apis* deve ser usado quando o organismo calórico está em risco, onde há febre alta, quando “o pote está fervendo”. *Apis* traz o calor para a forma. *Apis* é para doenças agudas, onde se deve trazer algo para dentro da forma: linfangite, amidalite, e também onde está esfriando demasiadamente, como na neuralgia. *Formica* é dada para processos crônicos, que estão saindo da vida, onde se tem que trazer de volta para o curso da vida novamente.

Vespa crabro está entre ambos. Ela também traz a forma (tanto que fabrica papel). Pode-se usar a vespa quando uma ferida desenvolve um quelóide. Um paciente que tratei teve uma inflamação aguda em uma das vértebras – uma espondilite purulenta. Havia formado pus e uma fístula o drenava. A fístula pode ter uma cicatrização muito difícil, ou nunca cicatrizar, a menos que se faça sua exérese – mas que, depois, pode levar meses para cicatrizar. Eu dei-lhe *Argentum* D30 e *Quarz (Silicea)* D30, mas o mais importante foi *Vespa crabro* D6 e *Arnica* D20 – todos injetáveis subcutâneos. Isso ajudou a fechar a fístula definitivamente em três semanas. Como a vespa pode atuar maravilhosamente para fazer a forma! É claro que *Vespa crabro* D6 e *Arnica* D20 não vão curar todos os casos de fístula. É preciso encontrar seu próprio relacionamento com os medicamentos, e então eles poderão ajudar.

MEDICAMENTOS VEGETAIS

Durante a Idade Média, havia apenas remédios feitos com plantas, porque curar tinha muito mais a ver com a alma e menos com o eu. No nosso tempo, os remédios vegetais não estão mais em primeiro plano como antes, e hoje nós dependemos mais das substâncias minerais. No entanto, os remédios vegetais ainda são uma cor muito importante em nossa paleta terapêutica.

Imagine a Terra rodeada de uma série de esferas sucessivamente menores interpenetradas, começando com uma esfera de éter de calor, uma esfera de éter de luz, uma esfera de éter químico e uma esfera de éter de vida. Normalmente, uma planta tem suas raízes no éter

*N.E.: Steiner R. O ser humano como sinfonia das forças universais. Aracaju: Micael; 2009. 244 p.

**N.E.: Veja artigo referente ao tema: Volkmann PR. *Apis mellifica*, *Vespa crabro* e *Formica rufa* - Considerações básicas para orientar suas aplicações terapêuticas. *Arte Méd Ampl.* 2011; 31(1):6-9.

de vida, suas folhas no éter químico e no éter de luz, e suas flores no éter de calor. Um dos primeiros cientistas antroposóficos, Günther Wachsmuth, descobriu que estes quatro éteres estão em movimento durante o decorrer do dia. Ao meio-dia eles estão totalmente juntos, mas à noite o éter de calor e o éter de luz recuam de volta para o cosmos enquanto o éter químico e éter de vida retiram-se para dentro da Terra. Ao nascer do Sol eles se aproximam um do outro novamente, e os pássaros começam a cantar no momento em que os tons químicos e etéricos são colocados em movimento uma vez mais.

Ao se observar as famílias de plantas, descobre-se que algumas têm seu auge em determinados momentos do dia ou da noite. As labiadas (*Labiatae*) – a família da menta, tomilho, lavanda e alecrim –, estão em seu pico ao meio-dia, quando o Sol está mais alto, porque elas são plantas do calor. Na cultura egípcia, ervas eram usadas para embalsamar o corpo. Eles usavam sete diferentes labiadas, pois esse processo de calor trazia as forças formativas que poderiam conservar o corpo. Ao se colocar os componentes da família *Labiatae* um ao lado do outro, pode-se ir de um extremo que é o alecrim para o *Lamium album* (urtiga branca). Quanto menor a folha, maior a presença do éter de calor na labiata. Isto é verdadeiro para outras plantas também: as folhas ponteagudas do pinheiro, o tomilho, a lavanda e o alecrim.

De outro ponto de vista, quanto maior o teor de água de uma planta, menor o conteúdo de água no órgão do corpo humano ao qual esta planta está relacionada. Por exemplo, *Melissa* e *Majorana* estão relacionadas aos órgãos pélvicos e digestivos. Há labiadas para todas as regiões do corpo. Para se desenvolver uma relação com as plantas, deve-se saber o que cada uma tem para oferecer.

As crucíferas (*Cruciferae*) – família da mostarda, *Capsella bursa pastoris*, *Cochlearia*, repolho etc. – são muito profícuas, cada parte da planta pode crescer muito. Tal crescimento não vem do calor ou da luz, mas do éter de luz e do éter químico. Estas plantas estão muito perto da terra e podem suportar o inverno. Elas contêm muito enxofre, e enxofre traz a organização vital em conexão com o corpo físico. Seu horário de pico é por volta das seis da manhã.

Solanaceas (*Solanaceae*) produzem alcalóides venenosos. Esta é uma expressão do fato de que elas estão no fim de sua vida evolutiva. A maioria dessas plantas, quando murcha, produz um pouco de substância venenosa. Steiner descreve as solanáceas como estando no final da biografia.

A rosa tem seu no seu auge durante a tarde – entre três e quatro horas.

As liliáceas são plantas de bulbo. Pode-se colocar tal bulbo na água apenas e ele vai enraizar, pois absolutamente não precisa da terra. Elas carregam um pouco da terra consigo e fazem disso sua flor. O lírio é, de certa forma, uma planta não terrena. O lírio está conectado com Gabriel, com o vindouro, com os inocentes, ou com a morte, todas as condições onde há um estado de excarnação ou de encarnação que vem. A hora da família *Lilliacea* é meia-noite.

MEDICAMENTOS MINERAIS

Os mesmos tipos de relações existem no reino mineral. Ao discutir remédios minerais, Steiner nunca fala de *Silicea* sem mencionar *Calcium*; ou sobre *Plumbum* sem compará-lo a *Argentum*. Steiner inaugura uma nova área para tratamento médico com os metais. O livro “Elementos fundamentos para uma ampliação da arte de curar”^{*} era para ter sido seguido por um segundo volume sobre os metais.

Rudolf Hauschka mostrou como todos os elementos minerais (exceto os metais) têm correspondência com o zodíaco: sódio, potássio, cálcio, enxofre etc. Entre o zodíaco e a Terra interpõem-se os metais. O segredo dos metais é que eles pertencem às esferas planetárias, ao mundo do meio. A palavra ‘medicamento’ significa *o que está entre* – a região ao qual pertencem os metais. Bernard Lievegoed apresentou o conceito do duplo processo planetário ligado aos metais: o processo encarnatório e o excarnatório.

Algumas pessoas se sentem sempre um pouco ‘avoadas’, sem os pés no chão. Elas deveriam ter mais ‘peso’, tornam-se mais ‘aterradas’. Nestes casos, pode-se usar *Plumbum*, o metal encarnante, num D20 e não em D6 (baixa dinamização). No entanto, se alguém se sente longe de casa, com a sensação de não saber onde está, e sempre se embriagando, deve-se administrar *Plumbum* ou *Minium* (*Plumbum oxidatum nat.*) na D6.

É uma pena que nossas vidas não sejam mais longas para podermos aprender mais! Devemos sempre tentar criar novas possibilidades. Ao observarmos os pintores, vemos que alguns pintam com matizes características. Cada médico tem a sua própria paleta de cores, e há certas cores que funcionam bem em suas pinturas. Se o médico tem um bom relacionamento com vinte medicamentos, ele será um médico melhor do que se tivesse uma relação limitada com seiscentos medicamentos. O médico tem que ter a liberdade de ser criativo com os instrumentos em suas mãos e combiná-los; mas também tem que fazer todo o possível para ter o maior leque de possibilidades.

^{*}N.E.: Steiner R, Wegman I. Elementos fundamentos para uma ampliação da arte de curar. 3ª ed. São Paulo: Antroposófica; 2007.